



ESTÁ SERVIDO? A novela juvenil Pão feito em casa, de Rosana Rios

ARE YOU HUNGRY? The young adult novel Pão feito em casa by Rosana Rios

¿TIENES HAMBRE? La novela juvenil Pão feito em casa, de Rosana Rios



Mariana Montanhini da Silva¹

Universidade Estadual Paulista (Unesp), Assis, São Paulo, Brasil



Para citar - (ABNT NBR 6023:2025)

SILVA, Mariana Montanhini da. ESTÁ SERVIDO? A novela juvenil Pão feito em casa, de Rosana Rios. *Eccos - Revista Científica*, São Paulo, n. 73, p. 1-15, e28444, abr./jun. 2025. Dossiê Educação, Artes e Literatura. DOI: <https://doi.org/10.5585/2025.28444>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/28444>

Resumo

Esse presente artigo é uma proposta de estudo sobre a novela juvenil *Pão Feito em casa*, de Rosana Rios. Essa novela juvenil compõe o acervo do Plano Nacional da Biblioteca Escolar de 2013 (PNBE/2013), e está indicada para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, essa investigação está dividida em três partes, sendo a primeira seção uma breve revisão acerca do gênero literário *novela* para a crítica brasileira, segundo Coelho (2000); D'Onofrio (2007); Kaufman e Rodrigues (1995); Luiz, Ferreira e Feba (2019); Moisés (1969); Reis e Lopes (2002) e Stalloni (2001), em que pese um gênero literário ainda em processo de construção em território brasileiro, caracterizado pela sucessividade e linearidade do tempo, fator que favorece o ritmo acelerado do enredo, pela pluralidade dramática narrativa em terceira pessoa, pelo o acréscimo ou retirada dos personagens conforme o enredo requisitar e pelo uso mais objetivo da linguagem. A segunda seção é uma análise sistêmica segundo os operadores da leitura narrativa da obra (Franco Jr., 2003). Por fim, são sugeridas propostas de desenvolvimento de leitura desse texto em sala de aula, direcionada aos professores dos anos finais do Ensino Fundamental. O estudo foi conduzido pela abordagem da recepção dos textos, segundo a perspectiva francófona (Barthes, 2012; Chartier, 1990).

Palavras-chave: literatura juvenil; novela; ensino de literatura

Abstract

This article is a study proposal on the youth novel *Pão Feito em Casa* by Rosana Rios. This youth novel is part of the 2013 National School Library Plan (PNBE/2013) collection and is

¹ Doutora em Educação pelo PPGE - Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Campus de Marília (2025).



recommended for students in the final years of Elementary School. To this end, the investigation is divided into three parts. The first section presents a brief review of the literary genre novel within Brazilian literary criticism, according to Coelho (2000); D'Onofrio (2007); Kaufman and Rodrigues (1995); Luiz, Ferreira, and Feba (2019); Moisés (1969); Reis and Lopes (2002); and Stalloni (2001). This genre is still in the process of being established in Brazil and is characterized by the succession and linearity of time elements that contribute to a fast-paced plot by narrative plurality in the third person, by the addition or removal of characters as required by the storyline, and by a more objective use of language. The second section presents a systemic analysis based on the operators of narrative reading as proposed by Franco Jr. (2003). Finally, proposals for developing the reading of this text in the classroom are suggested, aimed at teachers of the final years of Elementary School. The study is conducted from the perspective of text reception, following the Francophone approach (Barthes, 2012; Chartier, 1990).

Keywords: youth literature; novel; literature teaching

Resumen

El presente artículo es una propuesta de estudio sobre la novela juvenil *Pão Feito em Casa*, de Rosana Rios. Esta novela juvenil forma parte del acervo del Plan Nacional de la Biblioteca Escolar de 2013 (PNBE/2013) y está recomendada para los estudiantes de los últimos años de la Educación Primaria. Para ello, esta investigación se divide en tres partes. La primera sección consiste en una breve revisión sobre el género literario de la novela en la crítica brasileña, según Coelho (2000); D'Onofrio (2007); Kaufman y Rodrigues (1995); Luiz, Ferreira y Feba (2019); Moisés (1969); Reis y Lopes (2002) y Stalloni (2001), considerando que se trata de un género literario aún en proceso de construcción en el territorio brasileño. Se caracteriza por la sucesividad y la linealidad del tiempo, lo que favorece un ritmo acelerado de la trama, por la pluralidad dramática narrativa en tercera persona, por la adición o eliminación de personajes según lo requiera la historia y por el uso más objetivo del lenguaje. La segunda sección presenta un análisis sistémico según los operadores de lectura narrativa de la obra (Franco Jr., 2003). Finalmente, se sugieren propuestas para el desarrollo de la lectura de este texto en el aula, dirigidas a los profesores de los últimos años de la Educación Primaria. El estudio se llevó a cabo desde el enfoque de la recepción de los textos, según la perspectiva francófona (Barthes, 2012; Chartier, 1990).

Palabras clave: literatura juvenil; novela; enseñanza de la literatura

*All the lonely people
Where do they all come from?
All the lonely people
Where do they all belong?*

Música Eleanor Rigby, de
John Lennon e Paul McCartney

Apesar de sogras geralmente estarem muito mais próximas das bruxas, a minha tem mãos de fada. É uma exímia cozinheira. Seus pães, então... Para ela, o segredo da boa panificação está na sova e no calor. A sova, pois quase tudo que recebe uma boa coça ressurgem muito mais forte. E o calor, porque todo pão cresce com o calor, gosta do calor. Em dias frios, o fermento não produz sua levedação necessária para crescer. Pão bom é o pão que cresce nem tão firme, já que o objetivo é justamente o contrário, mas bastante forte. Tão forte que o pão se torna o alimento principal do corpo. É o que nos proporciona a energia para enfrentar o dia a dia.

Rosana Rios também conhece os segredos da panificação. Sabe como ninguém a combinação exata dos ingredientes, o tempo para descanso da massa, quando sovar e quando esperar a ação do fermento. Contudo, o melhor pão que Rosana Rios sabe preparar é a partir das palavras – pelo menos nunca provei seu pão feito a partir da farinha de trigo. A novela *Pão feito em casa*, de Rosana Rios, é uma narrativa dessas que te pegam pelo estômago. Logo nas cinco primeiras linhas você já está inebriado, querendo saber quem é a tal dona Cármina e porque raios ela segura um tablete de fermento em suas mãos!

Essa novela juvenil compõe o acervo do Plano Nacional da Biblioteca Escolar, ou simplesmente PNBE, de 2013. Está indicada para estudantes do segundo ciclo do Ensino Fundamental, ou seja, crianças e adolescentes com a faixa etária entre 11 e 15 anos. Publicada em 2013 pela editora gaúcha Besouro Box, essa novela se apresenta ao longo de 142 páginas, composta por nove capítulos e um excerto, que traz uma receita de pão caseiro.

O objetivo desse artigo é analisar os elementos narrativos e simbólicos presentes na obra *Pão feito em casa*, sob a ótica da *recepção* dos textos, como uma possibilidade de proposta de trabalho escolar a partir dessa narrativa de Rosana Rios. Para tanto, esse estudo está composto por uma pequena revisão acerca da categorização do gênero novela para a crítica nacional, e pela análise dos elementos estruturais da obra em si.

Segundo Barthes (2004) a escritura faz do saber uma festa. O autor francês nos recorda que as palavras *saber* e *sabor* possuem a mesma origem etimológica, não podendo ser dissociadas. Desse modo, a leitura e o prazer em ler não podem ser apartados.

[...] a escritura se encontra em toda parte onde as palavras têm sabor (*saber e sabor* têm, em latim, a mesma etimologia) [...] Na ordem do saber, para que as coisas se tornem o que são, o que foram, é necessário esse ingrediente, o sal das palavras. É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo. (Barthes, 2004, p. 20-21)

O sabor e o saber estão conectados desde sua origem etimológica. Logo, é impossível separar o *saber* que a leitura nos disponibiliza do *sabor* que o texto nos proporciona. E a novela juvenil Pão feito em casa é assim. Ao mesmo tempo em que constitui nosso repertório de leituras, por meio do dialogismo com outras obras da cultura humana, nos diverte e nos emociona por meio de sua história cativante. *Mangia che te fa bene*²!

Um gênero menor? - A novela para a crítica brasileira

Em se tratando de literatura, o gênero novela é uma grande incógnita. Não há um consenso sobre como defini-lo, muito menos sobre quais seriam os critérios usados para sua definição. Contudo, não é raro que a novela seja julgada como um gênero narrativo menor, quando comparada ao conto ou ao romance.

Em linhas gerais, o gênero novela está estabelecido como um texto narrativo, situado entre o conto e o romance, ou seja, um texto em extensão mais ampla que o conto e menos ampla que o romance. No entanto, essa interpretação não considera as particularidades que envolvem esse gênero em questão.

A palavra novela deriva do adjetivo latino *novus*, ou seja, do que é novo, que traz notícia de eventos até então desconhecidos. Segundo Reis e Lopes (2002), é a partir desse conceito que se origina a tradição europeia desse tipo de narrativa.

Luiz, Ferreira e Feba (2019) apresentam um estudo acerca da crítica literária brasileira que buscou definir o gênero novela. Para os autores, tanto Coelho (2000) quanto Kaufman e Rodrigues (1995) procuraram aprofundar seus estudos diante da narrativa novelesca. Para tanto, partem de uma perspectiva histórica, explorando como referência as Novelas de Cavalaria que circulavam no território bretão durante a Idade Média, e os romances picarescos hispânicos do século XVI. As autoras (Coelho, 2000; Kaufman e Rodrigues, 1995) também buscam sua compreensão acerca do gênero novela em Moisés (1969), que se dedica a caracterizar as singularidades desse gênero literário.

Segundo Luiz, Ferreira e Feba (2019, p. 131),

[...] as estudiosas (1995), em sua apreciação crítica, apontam os mesmos títulos elencados por Coelho (2000), como também as partes das definições do crítico Moisés (1969), ao entenderem a novela como uma estrutura composta por unidades dramáticas que, embora não sejam subordinadas, alinham-se a um eixo nuclear.

² Expressão da língua italiana muito popular, inclusive entre os brasileiros. Significa “Coma, que te faz bem”.

Logo, os três estudos apontam a estrutura dramática múltipla como principal característica da novela literária. Contudo, essa *pluralidade dramática* estaria alinhada a um eixo nuclear, que seria responsável por articular as conexões entre todas as unidades dramáticas e o enredo geral da obra.

Moisés (1969), pioneiro nos estudos referentes à novela no Brasil, aponta como principais características do gênero a *pluralidade dramática* seguida pela *sucessividade* e *linearidade* do tempo, fator que favorece o *ritmo acelerado do enredo*, a narrativa em *terceira pessoa*, o *acréscimo* ou *retirada* dos personagens conforme o enredo requisitar e o uso mais objetivo da linguagem.

Outros autores, tais como Stalloni (2001) e D'Onofrio (2007), trazem para a discussão sobre a novela a questão da *verossimilhança* que, para Stalloni (2001), seria mais uma característica do gênero em questão, enquanto para D'Onofrio (2007), a novela não apresentaria compromisso com a verdade, uma vez que sempre há finais felizes.

Sendo assim, a caracterização do gênero novela ainda está em processo de construção pela crítica nacional, uma vez que não há consonância entre os estudiosos da literatura sobre a narrativa novelesca. Para Luiz, Ferreira e Feba (2019, p. 134),

O que se encontra, muitas vezes, acaba sendo uma definição bastante incipiente em torno da problemática, centrada, basicamente, no número de páginas de cada gênero, relegando a segundo plano as particularidades que carecem de uma apreciação crítica mais pontual. Nesse sentido, a novela seria definida, a partir de um critério quantitativo, ou seja, como uma modalidade intermediária, não tão concisa como o conto e nem tão extensa como o romance.

Está na mesa, pessoal! Pão quentinho, saindo do forno...

Para Franco Jr. (2003, p. 33) os operadores de leitura do texto narrativo são

Conceitos-chave para o desenvolvimento de uma análise e interpretação do texto narrativo pautada pela tradição dos estudos acadêmicos. Alguns desses operadores são, muitas vezes, utilizados por diferentes linhas de teoria da literatura quando do desenvolvimento do estudo de um texto literário a partir dos princípios e da metodologia que lhes são pertinentes.

Desse modo, o texto que segue é uma breve apresentação da novela *Pão feito em casa* a partir dos elementos constituintes dessa narrativa. Personagens, tempo, espaço, enredo e narrador serão apresentados de forma sucinta, para que se possa ter uma breve compreensão da obra de Rosana Rios.

A narrativa Pão feito em casa é classificada como novela juvenil, justamente por possuir a pluralidade dramática e a sucessividade dos acontecimentos, fatores responsáveis por proporcionar um certo dinamismo fluido em sua leitura. Seu projeto gráfico editorial é o primeiro responsável por captar a atenção do leitor. Suas capas são de cores extravagantes, como o verde bandeira e o vermelho, com ilustrações feitas a partir do processo de colagem de imagens. Seus paratextos já dão a indicação dos rumos que a leitura irá tomar, pois além de apresentar o resumo da obra na primeira orelha, também apresentam a autora e o ilustrador na última orelha por meio de metáforas como “fazer pão é como escrever um livro”, ou então “este livro me pegou ainda no forno”.

Ao abrir o livro, encontramos uma folha de rosto toda preta, cor predominante que segue desde o sumário até as primeiras páginas do primeiro capítulo da narrativa. Essa introdução à história por meio da apropriação da cor preta em suas páginas iniciais põe em evidência o diálogo com o cinema, uma vez que, nas salas de projeções, antes do início do filme, tudo está escuro. Para Stalloni (2001), a novela descende da arte dramática. Então pode ser compreensível que ocorra o dialogismo entre a obra literária e o cinema.

As ilustrações que introduzem os capítulos também dialogam com a cinematografia. Em uma estética *à la* Tim Burton³, nas duas primeiras páginas de cada capítulo a matiz principal ainda é a cor preta, com ilustrações feitas a partir de colagens gráficas compostas por *idosas malucas e monstros melequentos*.

De fato, essas ilustrações nos dão pistas acerca do capítulo em questão, já que a ilustração da mulher idosa representaria a própria personagem *Dona Cármina* em diferentes etapas da narração, e a figura de uma criatura estranha seria a representação do fermento de pão, durante seu processo de levedação. Ao longo dos capítulos, próximo à tabulação dos números das páginas, *emojis*⁴ de pequenas fatias pão de forma, ora felizes, ora surpresos, ora entristecidos, estão presentes em todas as laudas, aproximando a obra ainda mais de seu público-alvo, já que a comunicação pictórica faz parte da rotina da juventude atual. Toda a composição visual da novela Pão feito em casa promove o diálogo ora com o cinema, ora com

³ Tim Burton é um cineasta estadunidense conhecido pelos seus filmes que apresentam um aspecto gótico, excêntrico e sombrio. É o responsável pelos filmes *Edward Mãos de Tesoura* (1990), *A Fantástica Fábrica de Chocolate* (2005) e a sequência *Alice no País das Maravilhas* (2010) e *Alice Através do Espelho* (2016). Também produziu e dirigiu animações como *O Estranho Mundo de Jack* (1993), *A Noiva Cadáver* (2005) e a mais nova versão de *Dumbo* (2019).

⁴ Os Emojis são considerados **pictogramas** ou ideogramas ou seja, uma **imagem que transmite a ideia de uma palavra** ou frase completa. Atualmente, os emojis são muito populares nas redes sociais e em comunicações de troca de mensagens instantâneas, como o WhatsApp, por exemplo.

as mídias sociais, razão pela qual o leitor juvenil se aproxima ainda mais da obra de Rosana Rios.

A história é narrada por um narrador heterodiegético que, segundo Aguiar e Silva (1988) esse narrador é apresentado como aquele que não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese, não participando da história narrada. Esse narrador também é onisciente e neutro. Conta as aventuras de Ricardo, Ariana e Tob, três adolescentes que vivem no pensionato de Dona Cármima, uma senhora caracterizada como *uma megera que não lida bem com risadas* (Rios, 2013, p.08).

A história inicia quando a dona da casa está ensinando seus três jovens inquilinos a fazer pão - por isso o tablete de fermento nas mãos da personagem nas primeiras linhas. Enquanto preparam os ingredientes, sovam a massa, modelam os pães e os colocam para assar a muito contragosto, a casa é invadida por uma gangue, que transforma os residentes em reféns. Porém, tudo acaba bem no final, graças à perspicácia de dona Cármima, que chama a polícia por meio de um telefone celular escondido no recipiente em que guardara o chá.

A narrativa possui dois tempos: o cronológico, regular, marcado pela data e hora no início de cada capítulo, e as analepses ou recuos no tempo, que permitem a recuperação de fatos passados. Correspondente ao recurso que em linguagem cinematográfica é chamado de *flashback*, são apresentadas de forma progressiva, a partir do momento mais distante para o mais próximo ao tempo da narrativa.

É por meio dessas analepses que tomamos conhecimento das histórias relativas aos personagens. Sabemos que Ricardo, o mais velho dos três adolescentes e o mais dedicado aos estudos, acabara de sair de uma clínica de recuperação de dependentes químicos por seu pai ter encontrado um cigarro de *cannabis* em suas coisas. Seus pais, uma cientista brasileira e um homem de negócios que vivia na França, não suportavam a ideia de conviver com seu filho, e assim internaram o rapaz na clínica para posteriormente, o deixarem à pensão de dona Cármima. Também conhecemos Ariana, a jovem gótica tatuada, rebelde e órfã, com quinze anos de idade e sem nenhum parente consanguíneo vivo. No decorrer da narrativa, essa personagem se envolverá romanticamente com Ricardo. Seu tutor legal é um primo da primeira esposa de seu pai, que vive em uma comunidade alternativa no interior e que permite que a jovem garota escolha ficar na capital para concluir seus estudos. Dessa forma, Ariana transforma-se em mais uma residente da pensão.

Tob, o mais novo dos três adolescentes, foi encontrado em uma fossa na favela, sem nenhum documento, na noite de Natal. A partir desse momento, o garoto passaria a viver em

um abrigo para jovens, reconstruindo sua vida e demonstrando muito apreço pelo aprendizado. Sendo assim, consegue uma bolsa para estudar em um bom colégio, fato que leva o jovem a viver na pensão de dona Cármina. Por fim, também conhecemos a *megeira* dona Cármina, a proprietária da pensão e residente desse imóvel desde 1950. Seu pai, Coronel do exército, fora assassinado na sua frente quando criança, uma vez que não se alinhara à ditadura militar, escondendo os prisioneiros em sua casa para que não fossem levados pelos torturadores das forças armadas naquele fatídico período da história brasileira.

Os personagens nos são apresentados nos dois primeiros capítulos do texto. A princípio, detectamos as personagens como planas, estereotipadas como o adolescente rebelde e a senhora conservadora. Contudo, o desenrolar da narrativa os transforma em personagens mais complexos, já que suas histórias pessoais são contextualizadas, fato que permite uma compreensão mais significativa de suas ações.

O espaço é fechado e angustiante. Corresponde ao casarão que é a pensão onde os personagens residem. No início da narrativa, esse casarão é descrito como uma casa mal-assombrada, repleta de ruídos estranhos, comparada a uma *prisão*, a um *necrotério* ou a uma *masmorra medieval* (Rios, 2013, p.11-12).

A intensa relação entre a proprietária e o imóvel é relatada no início da narrativa por meio da descrição de dona Cármina. Ela é comparada ao jardim do casarão, num processo de objetificação do personagem humano, e de humanização do espaço:

E a mulher foi se tornando tão retorcida, sombria e rígida quanto os ciprestes de seu maltratado jardim. Era como se ela, as árvores e a tenebrosa casa partilhassem uma única alma. Uma alma silenciosa, cheia de mistérios, passagens secretas e recantos sinistros. (Rios, 2013, p. 14)

Sendo assim, o casarão não pode ser dissociado de sua proprietária, assim como a mulher não pode ser apartada do objeto. Logo, ambos os elementos, a personagem e o espaço, são descritos de forma negativa no início da história, e, com o passar das ações presentes no enredo, tanto dona Cármina quanto o casarão ganham um olhar mais favorável à sua descrição.

O clímax da história está no ponto em que a casa é invadida pela gangue. Os bandidos estão à procura de Tob, que apenas nesse momento da narrativa se apresenta como Cadu, irmão caçula do chefe da quadrilha e que é uma testemunha vital para levá-los à cadeia. No entanto, os criminosos não conseguem alcançar seus objetivos, sendo surpreendidos pela polícia, já que a dona da pensão chama os policiais usando seu telefone celular escondido.

Dessa forma, a narrativa caminha para seu desenlace. Dona Cármina adota Tob/Cadu e todos continuam vivendo na pensão. O último capítulo é apresentado como elipse, ou seja, um salto cronológico é provocado por meio da exclusão de determinados eventos da diegese. O tempo cronológico da narrativa corre para a véspera do Natal, trazendo os personagens preparando a ceia no relato narrado. O casarão já não é mais descrito como uma *prisão* (Rios, 2013, p. 11) ou casa mal-assombrada, já que luzes foram acrescentadas nos ambientes, e os cômodos foram abertos.

A casa parece outra. Uma árvore de Natal pisca luzinhas coloridas na grande sala de estar. A biblioteca e a sala de jantar estão abertas e iluminadas. O pudim está na geladeira, o arroz e a farofa prontos, as saladas lavadas. O peru continua no forno, agora assado e pronto para servir. Há ainda panetone e frutas na mesa da sala. (Rios, 2013, p. 141)

Assim como o espaço se transforma aos olhos dos demais personagens, Dona Cármina também passa por uma transformação positiva. Descrita no início da narrativa como uma senhora autoritária, *a mulher mais feia do mundo* (Rios, 2013, p. 13), ao final da história torna-se uma personagem humanizada, uma vez que, apesar de ainda ser considerada *a mulher mais feia do mundo* (Rios, 2013, p. 130), os jovens residentes da casa já não apresentam mais o medo dessa senhora, relatado nas primeiras páginas do livro. Essa ligação entre o espaço e a personagem, em que as transformações que ocorrem no lugar podem ser refletidas nos protagonistas, é um dos pontos mais interessantes do enredo, já que, para além da compreensão dessa dimensão humana do espaço, ou da dimensão espacial do humano, também dialoga com produções clássicas cinematográficas, geralmente do gênero terror, em que a casa se torna o protagonista da obra audiovisual.

Por fim, a narrativa é encerrada na cena que antecede a ceia de Natal, em um clima ameno, com as histórias dos personagens resolvidas. O casal Ricardo e Ariana e Dona Cármina, agora mãe adotiva de Tob, juntamente com seu mais novo filho, estão na cozinha, à espera dos convidados para a ceia, preparando os ingredientes para fazer um pão caseiro. Assim, a narrativa se encerra de forma cíclica, apresentando a mesma cena inicial, mas uma cena ressignificada, pois nesse momento, todos estão felizes com a proposta do pão feito em casa.

No escurinho do cinema...

O texto de Rosana Rios é riquíssimo em referências da cultura *pop* da atualidade. Além do paralelo com o cinema, por meio de seu projeto gráfico, o texto também reporta outros

clássicos da cultura adolescente da sétima arte, tais como a *Família Adams* (1991), *os Caça-fantasmas* (1984/2016) e *Homens de preto* (1997, 2002, 2012). Também traz músicas, como um trecho de *Eleanor Rigby* (Rios, 2013, p. 41) dos *Beatles*, e a banda inglesa *Led Zeppelin*. Há ainda referências de outros autores da literatura mundial, como Jane Austen e James Matthew Barrie, bem como autores do campo dos estudos da *psiquê*, como Freud e Jung. O texto também faz referência ao passado histórico brasileiro, pois o pai de Dona Cármina, uma das personagens centrais da história, foi um coronel do exército brasileiro, assassinado pelos próprios militares por rebelar-se diante do período de ditadura militar.

A leitura, para Chartier (1990), é um ato concreto, pois requisita que qualquer processo de construção de sentidos seja encarado no entrecruzamento de leitores dotados de competências específicas, identificados por suas posições e disposições e caracterizados por sua prática leitora, e os textos cujo significados se encontram dependentes de seus dispositivos discursivos formais, materializados na e pela obra. Isto posto, para Silva (2024, p. 21), a leitura é um processo de produção de sentidos nada arbitrário pois, ao mesmo tempo em que se estabelece como atividade criativa e produtora de sentidos únicos pelo sujeito-leitor, é conduzida pelo texto propriamente e por todo o seu processo de produção, que compreende desde sua autoria à sua editoração, e que antecede a sua publicação.

Por um lado a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores de livros [...] Por outro lado, o leitor é sempre pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor, como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar conjuntamente a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. (Chartier, 1990, p. 123)

O conceito de *Morte do Autor* de Barthes (2012) complementa essa concepção de leitura pautada na recepção dos textos. O escritor considera que o autor é uma *personagem moderna*, advinda da descoberta e apreciação da *pessoa humana* por meio do pensamento empírico e racional, pensamento esse originado a partir da Reforma da Igreja, durante o período que compreendia o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. Dessa forma consolidou-se o *império do Autor*, o qual Barthes designa como sendo o centro da crítica literária a imagem do escritor, “sua pessoa, sua história, seus gostos, suas paixões” (Barthes, 2012, p. 58). No entanto, o escritor e filósofo francês afirma que a *escritura/escrita é a destruição* da voz original, ou seja, da voz autoral do texto. Declara ainda que o texto escrito traz a perda de “toda identidade, a começar pela do corpo que a escreve” (Barthes, 2012, p. 57).

Para o autor,

Abrir um texto, propor o sistema de sua leitura, não é apenas pedir e mostrar que podemos interpretá-lo livremente; é principalmente, muito mais radicalmente, levar a reconhecer que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas verdade lúdica; e, ainda mais, o jogo não deve ser compreendido como uma distração, mas como um trabalho [...], ler é fazer o nosso corpo trabalhar (sabe-se desde a psicanálise que o corpo excede muito em nossa memória e nossa consciência) ao apelo dos signos do texto, de todas as linguagens que o atravessam e que formam como que a profundidade achamalhada das frases. (Barthes, 2012, p. 29)

Sendo assim, para Barthes (2012), a leitura somente é realizada quando há um processo de atribuição de sentidos que parte do sujeito-leitor. E esse processo de construção de significados não é aleatório, está atrelado aos recursos enunciativos presentes no texto. No entanto, a relação estabelecida entre o texto e a leitura realizada por cada leitor é ao mesmo tempo dialógica e contraditória, pois, ainda que se encontre dependente da estrutura textual, o processo de atribuição de sentidos pelo sujeito-leitor pode valer-se, inclusive, da subversão desses mesmos recursos textuais.

[...] toda leitura ocorre no interior de uma estrutura (mesmo que múltipla, aberta) e não no espaço pretensamente livre de uma pretensa espontaneidade: não há leitura “natural”, “selvagem”: a leitura não *extravasa* da estrutura; fica-lhe submissa; precisa dela, respeita-a; mas perverte-a. (Barthes, 2012, p. 33)

Para Girotto e Souza (2010, p. 46), a leitura é entendida como sinônimo de atribuição de sentido; o ensino e a aprendizagem da leitura literária como processo de objetivação e apropriação; e a constituição do leitor como movimento dialético, num resultado sempre provisório desse processo. Isto posto, o aprendizado da leitura literária na escola é, antes de mais nada, um aprendizado sobre o próprio processo de construção do pensamento. Dessa forma, as autoras consideram as estratégias de leitura como um método para que o professor possa formar leitores cada vez mais autônomos.

O foco desse capítulo está centrado no conjunto de estratégias de leitura: conexões, inferência, visualização, questionamento, síntese e sumarização [...] Dessa maneira, orientamos professores para utilizar as estratégias em sala de aula para que seus alunos possam melhorar a compreensão de um texto durante a leitura. Assim, quando falamos em formar bons leitores estamos nos referindo àqueles que, conscientemente, utilizam as estratégias de leitura quando leem. (Girotto e Souza, 2010, p. 47)

Dessa forma, a proposta de projeto educacional com a novela de Rosana Rios estaria pautada na recepção do texto, nesse entrecruzamento entre o leitor e a obra literária, por meio

do ensino das estratégias de leitura aos estudantes. Direcionada aos alunos de oitavos e de nonos anos do Ensino Fundamental, essa proposta seria desenvolvida ao longo de um bimestre letivo, em alternância às aulas determinadas pelo currículo oficial.

Em um primeiro momento, antes da leitura de *Pão feito em casa*, o professor de Língua Portuguesa e/ou de Literatura apresentaria aos alunos as fontes originais relacionadas ao cinema, com as quais o livro dialoga. Dessa forma, caberia ao educador a seleção da obra ou das obras audiovisuais que a novela de Rosana Rios referencia, adaptando essa seleção conforme seu cronograma, seu planejamento e suas turmas. Em sequência à apresentação dos vídeos, a leitura coletiva da novela *Pão feito em casa* seria desenvolvida, e caberia também ao educador a divisão do texto de acordo com seu planejamento. Essa leitura compartilhada seria ideal se cada estudante tivesse um volume do livro em mãos, ou se o texto fosse projetado na sala de aula por meio de equipamento audiovisual (lousa digital, televisor, projetor multimídia, etc.).

Com a leitura, o professor conduziria discussões acerca dos aspectos estéticos que permitem essa aproximação entre o livro e o cinema, por meio da comparação entre os filmes assistidos anteriormente com os elementos gráficos presentes na edição (abertura dos capítulos em papel escuro, como uma sala de cinema, por exemplo), além das referências textuais diretas e indiretas ao campo das produções cinematográficas, indicando dessa forma, as possíveis estratégias de leitura utilizadas nesse processo. Isto posto, os estudantes compreenderiam que a leitura de textos escritos pode ser realizada inclusive pelas inferências a outras produções culturais da sociedade.

Em complemento, a partir de uma abordagem proposta interdisciplinar, o professor de Língua Portuguesa juntamente com o professor de História poderiam desenvolver, por meio dos elementos históricos encontrados na narrativa, relacionados ao período ditatorial brasileiro, uma investigação aprofundada com os estudantes sobre a ditadura brasileira, buscando compreender as diferenças entre autocracia e democracia independente do posicionamento ideológico estruturante do governo em cada período histórico.

Por fim, com relação ao campo musical, o professor também poderia trabalhar com a referência à canção *Eleanor Rigby*, do grupo *The Beatles*, também de maneira interdisciplinar, juntamente com o professor de Língua Inglesa. Para essa proposta, o objetivo central estaria relacionado à temática socioemocional e às relações de afeto na adolescência. O tema central dessa música é a solidão. Relacioná-lo com a obra de Rios é fundamental para que o leitor compreenda a grande metáfora que é a novela *Pão feito em casa*.

A partir desse projeto de leitura da obra *Pão Feito em Casa*, de Rosana Rios, o professor apresentaria aos estudantes um conceito fundamental de leitura a partir do *letramento*, visto que a ação leitora não implicaria apenas na decodificação da língua escrita, mas também na compreensão, na interpretação e na *apropriação* do que é lido, de forma que o estudante compreenda que seu repertório de vivências é estruturante do ato de ler e assim, inicie seu caminho de emancipação por meio da leitura.

Pão para alma

Segundo Petit (2010, p. 22), “os bens culturais, e os livros, em especial, têm a ver com a morada, com uma *segunda pele*, uma *pele da alma*”. Para a autora, todos os seres humanos têm a necessidade de abrigar-se em sua cultura. E a leitura é uma das formas mais intensas de transmissão dessa cultura humana. Para Petit (2010, p. 22), “*a leitura é meu país, quando eu lia, era como se eu estivesse em uma cabana numa árvore.*” A leitura está próxima das artes das cabanas, esses lugares da intimidade e da aventura. E é em si mesmo o que construímos”.

A leitura, enquanto constituinte e simultaneamente constituída pela cultura, tem a serventia de refúgio contra as adversidades da vida cotidiana para o ser humano, pois, “em tempos de crise tem-se, mais do que nunca, necessidade de bens culturais e, particularmente, de suportes escritos, para conter o medo e transformar as apreensões ou tristezas em ideias”. (Petit, 2010, p. 32)

O sujeito leitor adolescente atual vive seu tempo de crise. Emocionalmente instável, numa realidade em que se tem contato virtual com todo mundo, nunca se sentiu tão solitário. Os quatro personagens do texto de Rosana Rios também estão sozinhos. Sofreram todas as agruras que a vida poderia oferecer, como o abandono e a morte. Levaram todo tipo de “sova” das experiências vividas. Moram juntos, porém vivem sozinhos. São como os ingredientes da receita do pão. Sozinha, a farinha de trigo é apenas farinha de trigo, o leite é apenas leite, o fermento é apenas fermento. Mas juntos, unidos, formam o pão, que é o alimento mais antigo da história.

Os personagens sozinhos são apenas pessoas solitárias. Mas quando decidem se aproximar, se tornam uma família. Não uma família tradicional, mas uma família cujo cerne das relações está no amor e no respeito mútuo. Uma família para compartilhar a ceia de Natal, para compartilhar o pão. Por meio da identificação, nossos alunos se sentirão acolhidos. Perceberão que, sentir-se sozinho é uma emoção coletiva, que muitas outras pessoas também partilham desse sentimento.

De certa forma, a literatura nos permite ter contato com outros modos de ver o mundo, fato que satisfaz nossa necessidade de conhecer o que o outro pensa e o que o outro sente. E conhecer os sentimentos alheios causa empatia por meio da percepção das vivências semelhantes.

A leitura tem o poder de despertar em nós regiões que estavam até então adormecidas. Tal como o belo príncipe do conto de fadas, o autor inclina-se sobre nós, toca-nos de leve com suas palavras e, de quando em quando, uma lembrança escondida se manifesta, uma sensação ou um sentimento que não saberíamos expressar revela-se com uma nitidez surpreendente. (Petit, 2008, p.07)

Os homens são forjados pela sociedade. São feitos do que os outros seres humanos lhes oferecem, desde o núcleo familiar aos que os circundam em seu entorno. A literatura abre imensurável possibilidade de interação com os outros, fato que enriquece infinitamente a capacidade humana. A literatura transforma o mundo em um lugar onde todos, sem discriminações, têm o direito de existir e de atuar ao seu redor. Traz em si a beleza de viver. A literatura, nessa breve reflexão, pode ser considerada como o *pão da alma*.

Notas do autor

Conflito de interesse: Os autores não declararam quaisquer potenciais conflito de interesse
 Autora correspondente: Mariana Montanhini da Silva - mariana.montanhini@unesp.br

Referências

- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 14ª edição, 2004.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/ Bertrand Brasil, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- D' ONOFRIO, Salvatore. *Forma e sentido do texto literário*. São Paulo: Ática, 2007.
- FRANCO Jr., Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Ozana. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Editora da UEM, 2003. p.3356
- GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: MENIN, Ana Maria da Costa Santos; GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; ARENA, Dagoberto Buim; SOUZA,

Renata Junqueira. (Org.). *Ler e Compreender: Estratégias de Leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 45 – 113

KAUFMANN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LUIZ, Fernando Teixeira; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; FEBA, Berta Lúcia Tagliari. A seguir, cenas do próximo capítulo: uma reflexão sobre o gênero literário novela na formação do leitor. *Revista Textura*. Canoas: ULBRA. v. 21 n. 45, jan/mar. 2019. p. 128 – 147.

MOISES, Massaud. *A criação literária: prosa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1969.

PETIT, Michéle. A transmissão cultural para tornar o mundo habitável. In: RÖSING, T. M. K., BURLAMAQUE, F. V. (org.). *De casa e de fora, de antes e de agora: estudos de literatura infantil e juvenil*. Passo Fundo: ed. Universidade de Passo Fundo, 2010, p. 13-33

PETIT, Michéle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: ed. 34, 2008

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2002.

SILVA, Mariana Montanhini da. *A formação do leitor literário: entre estratégias e táticas*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024.

STALLONI, Yves. *Os gêneros literários: a comédia, o drama, a tragédia. O romance, a novela, os contos. A poesia*. Trad. e notas Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.